



ANO 10 | RIO DE JANEIRO | DEZEMBRO 2023 | 14ª EDIÇÃO

NOTÍCIAS DA ROCINHA

WWW.FALAROCA.COM

Feito por
moradores
para
moradores



@JORNALFALAROCA

PÁG 6

10 ANOS DE JORNALISMO NA FAVELA



PÁG 3

DIU: Saiba como acessar pelo SUS



PÁG 8

Da Maré a Rocinha: a laje é o point da favela



PÁG 11

Do Facebook ao Tik Tok: quem são os influenciadores da Rocinha

PÁG 12

Mapeamento identifica diversas iniciativas culturais na Rocinha



FÊ NAS
CRIANÇAS
DA FAVELA

OLHA NÓS AQUI DE NOVO

Por Michel silva

Gosto de pensar que o futuro mais digno se realizará junto às favelas. Dois anos e seis meses depois, retomamos a impressão do Fala Roça. Voltamos para onde nunca deveríamos ter saído: os becos e vielas da Rocinha. Neste retorno, abordamos extensivamente questões futuras.

Uma pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros, a TIC Domicílios 2023, apontou que 84% da população tem acesso à internet em casa. As classes sociais mais baixas impulsionaram o crescimento da conectividade nos domicílios do Brasil.

A internet, que todos utilizam, trouxe muitas mudanças. As pessoas agora passam mais tempo online e menos tempo interagindo presencialmente. Isso fez com que perdêssemos um pouco do modo de viver em comunidade. Os problemas da Rocinha não são mais discutidos coletivamente. Além disso, com tanta informação na internet, fica mais difícil compreender nossos direitos sociais. É como se essas questões importantes não fossem tão claras em nossas mentes.

O Fala Roça, embora desafiado pela era digital, mantém sua essencialidade na vida comunitária. É mais do que um veículo informativo; é um elo tangível que une vizinhos, amplifica vozes locais e constrói identidade comunitária. Nas páginas do jornal, as notícias ficam mais próximas de nós, e todos podem ler, mesmo aqueles que não utilizam muita tecnologia.

Neste jornal, o acesso à informação e ao conhecimento é fundamental para fortalecer nossa comunidade. Acreditamos que, ao capacitar os moradores da Rocinha com informação, podemos construir um futuro mais justo e inclusivo. O desafio da era digital é real, mas o Fala Roça persiste como uma ferramenta essencial para manter viva a chama da coletividade.

À medida que enfrentamos os desafios do presente, depositamos nossa confiança na força das mobilizações comunitárias para moldar um futuro em que as favelas não apenas resistam, mas prosperem. Tenham uma boa leitura e, juntos, construiremos um amanhã mais promissor.



Uma das muitas entregas de exemplares feitas em fevereiro de 2015. Fotos: Kita Pedroza

há 10 anos
ampliando vozes
da Rocinha

EXPEDIENTE

DIRETOR DE REDAÇÃO E JORNALISTA RESPONSÁVEL
Michel Silva

EDITORA-CHEFE
Tatiana Lima

EDIÇÃO E REVISÃO
Michel Silva e Tatiana Lima

REPORTAGEM
Jaqueline Suarez
Karen Fontoura
Osvaldo Lopes
Pâmela Carvalho
Rodrigo Silva
Thaís Cavalcante

ILUSTRAÇÃO CAPA
Raquel Batista
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Rayana Chaves

TIRAGEM
5.000
DISTRIBUIÇÃO
GRATUITA

EQUIPE FALA ROÇA



MICHEL SILVA



TATIANA LIMA



OSVALDO LOPES



KAREN FONTOURA



RODRIGO SILVA



MONIQUESILVA



TAINARA LIMA



RAYANA CHAVES

SAÚDE DA MULHER

Buscas por informações sobre o DIU aumentam na Rocinha

Por Karen Fontoura

Segundo a Secretaria Municipal de Saúde do Rio, até outubro de 2023, 498 pessoas tiveram acesso gratuito ao método contraceptivo do Dispositivo Intrauterino (DIU), na Rocinha. O número representa um aumento de 152,2% em relação a quantidade de pessoas atendidas em 2022. Uma vez que, ao longo de todo o ano de 2022, foram 327 pacientes atendidos para inserção do DIU gratuitamente nas três unidades de saúde do morro.

O DIU, é um objeto pequeno em formato de T, inserido no interior do útero

O Diu serve como método contraceptivo ao impedir o contato dos óvulos com o espermatozóide, evitando a gravidez. Tem mais de 90% de eficiência, sendo uma opção para ajudar no planejamento reprodutivo da população.

No Rio, o Sistema Único de Saúde (SUS) disponibiliza dois tipos de DIU: o de cobre e o hormonal Mirena. “Colocar o DIU foi bem rápido. O problema é a revisão para ver se o DIU está no lugar certinho”, conta Sthefany Melo, de 22 anos.

Ela fez a colocação do dispositivo de cobre em 2022 na Clínica da Família Maria do Socorro, mas aguarda há oito meses um exame de ultrassonografia para fazer a revisão do procedimento. “Eu marquei um ultrassom e nada ainda! Se fosse para engravidar, eu engravidaria. O que eles [SUS] pecam é na manutenção que tem que ter”, avalia.

A unidade passa por reformas que começaram no início de junho de 2023. O equipamento de ultrassonografia é usado duas vezes por semana, e abrange pacientes das três unidades de saúde da Rocinha. Devido ao elevado índice populacional da favela e à quantidade limitada de vagas semanais, isso tem causado atrasos nos exames e o aumento do número de pessoas na lista de espera.

A principal forma de realizar a revisão do DIU é por meio do exame ginecológico, que permite a visualização da cordinha do DIU, não sendo necessariamente dependente da ultrassonografia. Entretanto, os profissionais de saúde que realizam a inserção do DIU na clínica da família são médicos recém-formados, o que torna a solicitação do exame mais frequente, visando evitar possíveis falhas.

O procedimento para inserir o DIU no útero é realizado no próprio consultório médico da clínica onde a pessoa fez o pedido, e não é necessário nenhum exame. “O que fazemos é explicar como funciona cada tipo de DIU, porque há pessoas que sofrem com cólicas intensas e outras que têm endometriose. Tentamos orientar qual seria o melhor DIU para aquela paciente”, explica Tainá Pereira, enfermeira da Clínica da Família Maria do Socorro.

Não há restrição de idade para acessar o método contraceptivo no SUS. No entanto, a pessoa já deve ter iniciado a vida sexual e não ter a intenção de engravidar em um curto período de tempo.

TIPOS DE DIU

A principal diferença entre o DIU de cobre e o hormonal Mirena está no efeito sobre a menstruação. Enquanto o dispositivo de cobre aumenta o fluxo menstrual (podendo causar ou piorar a cólica), o hormonal (Mirena) deixa a mulher sem menstruar ao longo do uso.

O DIU de cobre não contém nenhum hormônio e pode durar até 10 anos. É indicado para pessoas que desejam interromper completamente o uso de métodos anticoncepcionais hormonais, podendo ser utilizado mesmo durante a amamentação.

Já o DIU Mirena tem pequenas doses de progesterona. O hormônio impede a fixação do óvulo no útero, evitando a gravidez. Pode reduzir ou até parar o fluxo menstrual. A frequência das cólicas também pode diminuir. Tem duração em média de 5 anos e pode ser colocado a partir de 6 semanas pós-parto.

Na Rocinha, as pessoas interessadas no método contraceptivo (DIU) podem procurar atendimento em uma das três unidades de Saúde: Centro Municipal de Saúde Dr Albert Sabin (Rua 1), na Clínica da Família Maria do Socorro (Curva do S) e na Clínica da Família localizada no Centro Municipal Cidadania Rinaldo De Lamare.



Reprodução da posição DIU no útero



MÉTODOS CONTRACEPTIVOS: ONDE CONSEGUIR INFORMAÇÕES?

GRUPO DE PLANEJAMENTO REPRODUTIVO DA CLÍNICA MARIA DO SOCORRO, CURVA DO S

Aberto aos moradores da Rocinha com interesse e dúvidas sobre os métodos contraceptivos oferecidos gratuitamente no SUS, assim como pessoas que planejam ter filhos ou que planejam fazer vasectomia ou laqueadura. Os encontros ocorrem na Biblioteca Parque da Rocinha com as enfermeiras da Clínica da Família. @cf.mariadosocorro

GRUPO DE MULHERES DA RUA 3

Ministrado por médicas do SUS, o objetivo é compartilhar conhecimentos, contar suas vivências, obter dicas de saúde e fortalecer o elo das moradoras da Rocinha com a clínica da família. O encontro é aberto para mulheres da Rocinha, a partir de 15 anos. Todas as terças, às 9:30, na ONG do Tio Nando, na Rua 3

GRUPO DE ADOLESCENTES

O grupo de adolescentes promove encontros na Rocinha, conduzidos pelas enfermeiras do SUS e direcionados às meninas a partir de 12 anos, com o propósito de esclarecer dúvidas e fornecer informações sobre as mudanças no corpo, sentimentos, relacionamentos e dicas de saúde. Os encontros ocorrem na Biblioteca Parque da Rocinha, para mais informações entrar em contato com instagram @cf.mariadosocorro



Fotos: Da esquerda para direita: Maria Inês de Oliveira (Acervo Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz); Renato Errejota

O ONTEM E O HOJE: 30 ANOS DA ROCINHA COMO BAIRRO

Reconhecimento na lei trouxe avanços, mas não é suficiente

por Thaís Cavalcante

Em 2023, a Rocinha comemorou 30 anos como bairro, reconhecimento estabelecido pela Lei nº 1995, datada de 18 de junho de 1993. As discussões para a criação da Região Administrativa começaram em 1985, desvinculando-a dos bairros da Gávea, São Conrado, Lagoa e Vidigal. Todas as melhorias na Rocinha são fruto das lutas comunitárias lideradas pelas lideranças locais, embora o título de bairro tenha sido concedido pelo Poder Público.

Desde então, inúmeras promessas de desenvolvimento, urbanização, recuperação ambiental e apoio à população em áreas de risco foram feitas.

“O que a Rocinha precisa é do serviço de bairro, não apenas do título. No Leblon, ninguém precisa realizar mutirões para limpar as valas. Aqui é necessário”

Lembra José Martins de Oliveira, 77 anos, um dos primeiros administradores regionais da Rocinha. Ele atua desde 1970 pela implementação da rede de água e luz no morro.

“Na minha época de garoto, descia a Estrada da Gávea de carrinho de rolimã. Não havia muitos carros e motos, não existia a Vila Verde, e o Laboriaux e a Vila Cruzado cresceram. Hoje, a Rocinha é verdadeiramente um bairro, maior que muitas cidades do interior”, destaca Marco Antônio, o Marcão da RI, administrador do Complexo Esportivo da Rocinha, atuando na Região Administrativa de 2018 a 2020.

Contudo, o crescimento não acompanhou as transformações da cidade, faltando serviços básicos à população. Nos anos 1960, a Rocinha esteve na lista de remoções de favelas, sem sucesso. Durante a luta por melhores condições de vida, saneamento, saúde, educação e emprego, surgiram instituições comunitárias, religiosas e políticas. Nos anos 1970 e 1980, movimentos sociais desempenharam papel fundamental no desenvolvimento local, pressionando o governo por melhorias.

Nesse período, a população do Nordeste viu na Rocinha uma oportunidade para viver melhor, com ofertas de emprego devido à construção do túnel Rebouças e o Dois Irmãos. O fluxo migratório de nordestinos persiste até hoje, com ônibus chegando à Rocinha toda semana.

As grandes obras realizadas na Rocinha nos últimos 15 anos originaram-se da participação popular na construção do Plano Diretor de Desenvolvimento Sócio Espacial da Rocinha (2006 a 2008), coordenado pelo arquiteto Luiz Carlos Toledo, que recebeu o título de Arquiteto do Ano em 2009 do IAB-RJ.

A população total cresceu de 43 mil nos anos 1990 para 70 mil em 2022, embora moradores estimem que seja ainda maior: 100 mil pessoas para o IBGE e entre 120 mil a 150 mil habitantes para a Associação de Moradores da Rocinha. É uma cidade dentro da cidade, com 31 mil domicílios registrados em uma área altamente povoada e com um dos piores índices de Desenvolvimento Humano (IDHs): 0,732, ocupando o 120º lugar entre 126 regiões no município do Rio de Janeiro.

Em 2016, a inauguração da estação do Metrô Rio em São Conrado ampliou o fluxo de turistas e ofereceu uma opção adicional de mobilidade urbana para a população da Rocinha.

Apesar disso, milhares de moradores ainda enfrentam a falta de saneamento básico e o histórico desafio das favelas: o lixo. Nos anos 2000, o principal incômodo dos moradores está relacionado ao contato, fedor e acúmulo de lixo pela favela, seja pela falta de despejo correto ou pela coleta mal realizada.

Uma das iniciativas públicas mais bem-sucedidas foi o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), criado no segundo mandato do governo Lula para investir em obras de urbanização das favelas do Brasil. A Rocinha testemunhou melhorias significativas na infraestrutura, como o Complexo Esportivo, a Passarela da Rocinha, Unidades de Saúde e outros equipamentos. Há promessas de novas obras em 2024 através do Novo PAC.

O Plano Diretor da Rocinha é a receita para transformar o morro e mostrar que é possível urbanizar a favela com a colaboração de moradores, lideranças comunitárias e governantes.

E PODE O FAVELADO SONHAR?

O que os moradores da Rocinha querem para 2024 na favela

População destaca a falta de políticas públicas na favela e desejam melhoria no território

por Karen Fontoura e Rodrigo Silva

Descrente com o Poder Público, mas com uma fé inabalável na potência da favela, os moradores da Rocinha se autorizam a sonhar. Não apenas traçando metas para as próprias vidas, mas também para toda a favela. Cheios de esperança, porém, com muitas reclamações, os moradores reivindicam ações efetivas dos governos municipal e estadual para a Rocinha, que completou no ano de 2023, trinta anos de existência como bairro.

Um marco significativo para refletir sobre o que mudou de lá para cá. Por isso, o Fala Roça foi para as ruas, becos e vielas do morro, em diferentes áreas da favela, para ouvir moradores e entender qual é a percepção deles sobre 2024. Mas, principalmente: “Qual é o 1º de janeiro dos sonhos dos moradores para a Rocinha?”

A falta de investimento em políticas públicas em comparação com bairros vizinhos como São Conrado, Leblon e Gávea, foi lembrada pelos crias, que sonham e cobram das autoridades condições de vida mais digna. “Não tem como sonhar ou desejar algo diante da realidade que a gente vive aqui. O pouco que temos não dá nem pra criar uma expectativa mínima”, avaliou um dos entrevistados que não quis ser identificado.

Porém, não é só de crítica que a favela vive. No dia a dia, a população sobrevive para dentro e fora nos becos e vielas do morro, porque existe a esperança no coletivo, sentimento presente em quase todos os depoimentos. A fé no espírito comunitário - ou a cobrança do retorno dele - e o desejo do fortalecimento da união entre os moradores chamam atenção. Assim como a expectativa dos moradores de poder viver em uma cidade onde o favelado possa sonhar sem receio de acordar. Confira!



“O meu sonho era que tivesse mais investimentos nos espaços e ações de lazer para as crianças se divertirem.. Espaço tem! Mas, precisa de mais investimento.. Estou preocupada com este

verão porque a luz cai muito. Começa o verão e tem muita queda de luz. A comunidade dos sonhos é feita com muita diversão, união e igualdade em todos os cantos da favela”.

CRISTINA DA SILVA, 51 ANOS, É PROPRIETÁRIA DA PAPELARIA BAZAR AMIGO, NO VALÃO.



“Meu sonho é que a Rocinha continue sem confusão, com essa paz. Queria mais espaço para os moradores andarem, brinquedos e escolas para crianças, melhorias obras,

casas, esgoto. As pessoas precisam de mais conscientização do lixo na favela também e mais cuidado. Esse é o meu sonho para o 1º de janeiro de 2024 pra Rocinha”.

FRANCISCA DA SILVA, 58 ANOS, É BLOGUEIRA E MORA NA RUA 2.



“Tem lugares que faltam mais água e tem pessoas que não tem condições de pagar por uma caixa d'água. Precisamos de uma água de qualidade, com fácil acesso para população.

Antigamente, tinha um poço aqui na Roupas Sujas, onde as pessoas buscavam água. Hoje, não tem mais essa alternativa”.

RAFAELA CAETANO, 22 ANOS, É ESTUDANTE E MORA NA ROUPA SUJA.



“Tinha que ter projeto social para tirar as crianças da rua e colocar em luta, basquete, música, inglês. A Rocinha precisa de projeto social que abrigue mais crianças, porque hoje os

projetos são muito pequenininhos e abrigam O quê? 30 crianças numa comunidade que tem 10 mil? O governo continua não olhando para cá, não quer saber, não quer dar educação, porque se não, a gente realmente vai saber das coisas e vai reivindicar”.

ANA RAMOS, 26 ANOS, ESTÁ DESEMPREGADA E MORA NA VILA VERDE.



“Deveria jogar o lixo nos locais certo! Quando chove, desce muito lixo. Aí, ele vem para praia. Ter uma comunidade limpa com consciência de jogar o lixo no local certo. Porque

têm pessoas que vem descendo no bequinho e acham que têm o direito de jogar lixo lá. Eu passo e tem lixo na porta do vizinho. Deveria melhorar também os mototáxis na hora da gente atravessar [a rua]. Se não tiver aqueles moços de roupa verde, a gente não consegue atravessar, porque eles não param”

AURILENE SILVA, 38 ANOS, É CUIDADORA DE CRIANÇAS E MORA NA FUNDAÇÃO.



“Precisamos de asfalto, porque tem muito buraco. Temos que dá um jeito de arrumar isso aqui, porque com essa falta... sinto vergonha de trazer amigos e parentes para dentro da favela.

As pessoas se assustam com as condições que a gente vive, mas eu amo morar aqui na Rocinha. Tem metrô, ônibus, vários mercados e farmácias. O meu sonho para 2024 seria termos uma urbanização e saneamento básico de qualidade. Nos sentiríamos mais felizes, com certeza!

ZILDA SILVA, 68 ANOS, É APOSENTADA E MORA NO BECO 11.



“Meu sonho é ter um restaurante popular aqui na Rocinha para alimentar esse povo, porque esse povo tá com fome. Ter uma cozinha, fazer um sopão e ter um espaço pras mães colocar seus

filhos, ensinar a cozinhar. Ensinar as pessoas a serem mais humanas. Se a pessoa não tiver o arroz e o feijão em casa, ter aquele lugar seguro para comer e tomar um café quando acordar. Têm pessoas que vem aqui [na vendinha dela] e compra bebida pra dormir porque tá com fome. Tem vergonha de pedir comida pros outros e ser humilhado. Meu sonho é fazer isso aqui”.

ILDA DA SILVA, 62 ANOS, É VENDEDORA AMBULANTE E MORA NO BECO DO RATO.



“No momento, paz e que as autoridades olhem mais pelos humildes do que pelos bacanas lá de baixo [do asfalto], entendeu?.

CARLOS FERREIRA, 68 ANOS, É APOSENTADO E MORA RUA 4.

Por Jaqueline Suarez

O “sonho que tomou forma”. É assim que o grupo fundador apresentou o Fala Roça na 1ª edição impressa. O lançamento aconteceu na Biblioteca Parque da Rocinha, em 25 de maio de 2013. Para contar a história do jornal, no entanto, é preciso voltar um pouco mais no tempo.

Na primeira década dos anos 2000, era bem comum ser realizada a entrega de jornais impressos por assinatura na casa dos leitores, especialmente nos bairros mais ricos. Lidos ou não, muitos acabavam descartados em algum canto. No final do dia, o pai de Michel Silva, que trabalhava em condomínios do Humaitá, levava alguns jornais para a casa. O contato com essas notícias foi um despertar.

“Como só tinha notícia ruim sobre a Rocinha se eu tive uma infância tão legal, se conheci pessoas maravilhosas? Aquilo foi me incomodando”, lembra Michel Silva.

Do incômodo surgiu a ideia e um convite para a irmã, Michele Silva. “Contei sobre o desejo de criar um veículo de informação que pudesse di-



Grupo de moradores reunidos com parte da equipe para distribuição de exemplares em 2016. Foto: Kita Pedroza

vilgar oportunidades, contar histórias de moradores e trazer boas notícias sobre a Rocinha”. Juntos, deram início ao blog Viva Rocinha, no final de 2011. Naquele período, os holofotes da imprensa estavam voltados à favela por conta da instalação de uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP). “O morador está acostumado a ver notícias sobre o território quando tem operação ou tem alguém morto, mas a gente queria levar para os moradores outras informações”, resume Michele.

Através do blog *Viva Rocinha*, eles começaram a contar histórias de projetos sociais, perfis de personagens conhecidos da favela e também informações de interesse público. A recepção foi positiva, mas naquela época, o acesso à internet não era tão comum e isso era uma barreira para que as notícias do blog sobre a Rocinha chegassem, de fato, aos moradores. A saída para driblar a desconexão era criar um jornal impresso.

NASCE O FALA ROÇA

Com a instalação da UPP, alguns programas sociais começaram a chegar na Rocinha. A Agência de Redes para Juventude era um deles. A missão da iniciativa era apoiar jovens no desenvolvimento de projetos de impacto na comunidade. Além da formação, os selecionados receberiam um investimento para viabilizar a ideia. Essa era a chance de transformar sonho em jornal impresso.



2013

MAIO
Lançamento do Fala Roça e distribuição da 1ª edição impressa

JULHO
Fala Roça entra na cobertura do desaparecimento de Amarildo

Michel foi um dos selecionados. Durante o programa,

outros jovens foram embarcando no projeto. Além dos irmãos, a primeira equipe do Fala Roça era composta por outros quatro moradores da Rocinha. Do grupo de seis pessoas, quase todos tinham entre 17 e 18 anos.

“Eu aprendi jornalismo dentro do jornal”, avalia Michel, que entrou na faculdade de Comunicação como bolsista na PUC-Rio, em 2014. A experiência no jornal também foi determinante para a escolha de Gracilene Firmino, que ingressou no curso de comunicação no mesmo ano. Ela ficou na equipe por cerca de um ano. E, a saída dela, diz muito sobre os desafios de sobrevivência compartilhados pelos jornais co-

munitários. “Eu amava o projeto. Sai por questão de dinheiro mesmo. A pressão para ajudar financeiramente em casa é muito grande para quem é da favela. Sai para trabalhar”.

Após o lançamento do jornal, a equipe foi, aos pouquinhos, encolhendo. O jornal não tinha recurso para pagar salário de ninguém e, por isso, muitos foram saindo em busca de trabalho remunerado.

2014

MARÇO
Sem dinheiro, Fala Roça corre o risco de encerrar as atividades

SETEMBRO
Secretaria Municipal de Cultura reconhece o Fala Roça como Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro

“A gente ficou muitos anos sem ganhar nada! Em um momento ou outro, pingava uma grana para rodar o jornal”, explica Michel. Entre 2013 e 2017, foram oito edições do impresso. Depois de uma grande pausa, ele retornou em 2020 e, após quatro novas edições, parou outra vez em 2021.

UMA HISTÓRIA DE INSISTÊNCIA

Por muitos anos, o Fala Roça foi mantido como um projeto paralelo, um trabalho realizado no tempo livre.

“A gente passou por momentos delicados, sem grana, sem equipe. Não tínhamos sede, fazíamos reuniões em casa e em lanchonetes pela Rocinha”, lembra Michel. A história do jornal é uma ação de insistência. Sem dinheiro para rodar o impresso, o grupo seguiu

2015 2016 2017 2018

FEVEREIRO
Fala Roça vence prêmio de inovação comunitária da BrazilFoundation

MARÇO
Lançamento do Memória Rocinha, projeto que reúne acervo histórico da Rocinha em um site; Fala Roça é parceiro da iniciativa

JUNHO
Coletivo passa por formalização e se torna a Associação de Comunicação de Comunicação Fala Roça

foi republicada (sem crédito) por grandes jornais do Rio.

O jeito de fazer jornalismo do Fala Roça foi descrito em livros, contado por pesquisadores em teses de doutorado, referenciado em palestras e cursos e reconhecido com vários prêmios. No entanto, mesmo ocupando novos espaços, sobrevivência do jornal continuava em risco.

O ponto de virada aconteceu na pandemia. Com apoio de uma instituição externa, o jornal foi responsável pela doação de cestas básicas na favela. “A gente conseguiu mobilizar,

2019 2020

DEZEMBRO
Fala Roça recebe Prêmio Maria Carolina de Jesus de Direitos Humanos na Alerj

MAIO
Cobertura sobre a instalação de um tomógrafo em igreja repercute e pauta imprensa nacional

ABRIL
Com o apoio do Instituto Unibanco, o Fala Roça entrega cestas básicas para 12 mil famílias em três meses

MARÇO
Fala Roça lança painel para monitorar casos de covid-19 na Rocinha

comida, água, material de limpeza e higiene pessoal para milhares de famílias por meses e meses. Uma logística

2021

ABRIL
Fala Roça inaugura sede e promove atividades formativas para e com os moradores sobre comunicação na favela

2022

AGOSTO
Fala Roça é selecionado pelo Google para programa de aceleração de negócios

NOVEMBRO
Fala Roça organiza 1ª Conferência de Jornalismo Comunitário, com apoio do Consulado Geral dos Estados Unidos no Rio

2023

JANEIRO
2ª Edição do Mapa Cultural da Rocinha é lançada

DEZEMBRO
Fala Roça renova o visual e distribui a 14ª edição do jornal impresso

absurda com entrega de materiais em lugares onde não chega carro e, às vezes, nem moto. Só se chega a pé”, ressalta Michele.

“Quando esse momento passou, a instituição entendeu que projetos como o Fala Roça desempenham um papel importante no território e renovou o apoio. Dessa vez, focado no nosso fazer principal: o jornalismo”, complementa Michel. Pela primeira vez, depois de quase uma década, o Fala Roça passou a ter um espaço pró-

prio e uma pequena equipe, que tem como seu trabalho principal produzir jornalismo na Rocinha.

RECONHECIMENTO

“A entrega do jornal é a materialização do nosso trabalho”, resume Beatriz Calado. Cria da Rocinha, ela se tornou jornalista dentro do Fala Roça. Dos seis anos em que esteve no jornal, ela destaca com carinho os momentos de distribuição do impresso. “Tínhamos contato com os moradores, caminhávamos a pé por toda a Rocinha e ouvíamos histórias de pessoas que depois viravam pautas”, lembra.

Para Claudia Santiago, o jornal comunitário cumpre um papel importante ao contar sobre a vida cotidiana, as conquistas e os sonhos de lugares geralmente reduzidos à violência. “Se não for através da comunicação popular, como as pessoas em São Conrado vão saber o que é a Rocinha? Se atravessar o túnel então...”. A jornalista conheceu a equipe durante a pesquisa para o livro “Experiências em Comunicação Popular no Rio de Janeiro ontem e hoje”, em 2015.

A desigualdade que organiza a sociedade também se faz presente no jornalismo. Co-fundadora do Intercept, a jornalista Cecília Oliveira resume isso: “a gente escreve sobre o que a gente vê, vive e se importa”. Especialista em Segurança Pública, Cecília é fundadora do Instituto Fogo Cruzado. Conhece, de perto, o trabalho de jornais e jornalistas comunitários. Ela ressalta o papel decisivo dessas iniciativas “para a disseminação de uma visão menos estere-



Parte da equipe do Fala Roça reunida na sede após uma formação com moradores em outubro de 2023. Foto: Cadu Paiva

otipada das periferias, para a denúncia da violência policial e da ausência de políticas públicas”.

Como exemplo disso, ela lembra o escândalo revelado pelo Fala Roça, que noticiou, em primeira mão, a instalação de um tomógrafo na Igreja Universal durante a gestão de Marcelo Crivella na Prefeitura do Rio. “Essa matéria ganhou todas as manchetes depois - inclusive, sem o devido crédito. Mais um problema da dita grande imprensa: não reconhecer o trabalho de jornais menores, locais”, observa.

Na visão dos comunicadores ouvidos, a repercussão de matérias como essa demonstram a força do jornalismo comunitário, que traz impactos reais na vida dos moradores. Como é o caso do Mapeamento Cultural da Rocinha, um levantamento feito pelo Fala Roça, que identificou 150 iniciativas culturais existentes na Rocinha, gerando visibilidade para as organizações locais. Mas os impactos ainda, também podem ser simbólicos, como sugere Beatriz:

“O maior legado do Fala Roça para mim é o quanto fazer parte disso aumentou meu orgulho em ser da Rocinha”.

E, no dia 27 novembro, o Fala Roça recebeu uma moção honrosa [uma carta] de reconhecimento e louvor, na Associação Brasileira de Imprensa (ABI). O documento foi concedido pela Câmara dos Vereadores pelo comprometimento do jornal na promoção de uma comunicação antirracista, voltada para as pessoas que residem na Rocinha.

Em 10 anos, muitas histórias foram contadas e outras ainda estão por vir. O sonho tomou forma e está longe do fim.

DA ROCINHA A MARÉ: AS LAJES SÃO ESPAÇOS DE LAZER E PRIVILÉGIOS DAS FAVELAS

Seja no alto do morro ou nas favelas planas, moradores usam as lajes para se divertir, descansar, fazer política e ações educativas

Por Pâmela Carvalho, Karen Fontoura e Tatiana Lima



Foto: AF Rodrigues, arquivo pessoal Karen Fontoura e Pâmela Carvalho

O Túnel Rebouças conecta a zona norte à zona sul, mas nas favelas, são as lajes que unem os moradores. Seja na Rocinha ou na Maré, a laje, vital em muitas favelas do Rio de Janeiro, não é só um teto. Quem não tem, aluga ou pede emprestado para festas, churrascos, gravação de clipes, fazer marquinhos de fita, empreender e até realizar ações políticas ou educativas.

“Eu costumo fazer festa aqui [na laje dela] de São João, Carnaval... A gente junta os amigos e faz a farra até o amanhecer”, conta Maria José Nascimento, conhecida como Fia, de 57 anos, e moradora da Dioneia. “Isso aqui à noite vira uma boate”, completa a dona da laje, mostrando o vídeo de uma das vezes que contratou uma cantora para fazer show na laje de casa.

Cerca de 762 favelas do Rio abrigam práticas culturais e um modo de vida para

22% da população da cidade, segundo dados do IBGE e da Prefeitura do Rio. As lajes são o epicentro das narrativas familiares, de superação e, sobretudo, de produção de existência e cultura.

“Aprendi a soltar pipa com meu pai [na laje]. Tive poucos momentos com ele e esse foi um dos momentos que ficou gravado”, relembra Carlos Oliveira, de 27 anos, morador do sete. Ele agora utiliza a laje “pra tomar um solzinho e fazer festas em aniversários ou feriados”, além de se divertir na piscina com a mãe, o sobrinho e a filha, em dias de calor no morro.

No verão, por exemplo, as lajes lotam. O tradicional banho de chuveirão para se refrescar dão lugar aos espaços de bronzeamento. Empreendedoras como Lora Bronze, Morena do Bronze e Elite Bronze transformaram as lajes das casas - e até de prédios - em fonte

de renda. O bronze na laje com biquíni de fita não é só moda de verão, mas estética de favela que se tornou moda do ano inteiro.

Mas, engana-se quem pensa que a laje só é a queridinha da favela no verão. Seja na Maré ou na Rocinha, as lajes movimentam a mobilização social e comunitária com figuras políticas, ativistas e lideranças, que fazem lajes das casas espaços de reunião, educação e articulação política.

Em uma laje da Maré, por exemplo, surgiu o Pré Vestibular Comunitário UniFavela, que aprovou todos os alunos todos de 2019 para faculdades públicas do Rio. Na Rocinha, um grupo de mulheres, com apoio das médicas da Clínica da Família Maria do Socorro, fazem encontros na laje do Centro Social Educação e Cultura, na Rua 3. O coletivo é um porto seguro para mulheres da

Rocinha, fortalecerem o autocuidado.

“Remover as barreiras da formalidade dos consultórios e aproximar a discussão para perto dos lares foi sem dúvidas uma forma de fortalecer o vínculo entre a Clínica da Família e a comunidade”, ressaltava Karine Piancastelli, de 31 anos, médica da clínica da família e orientadora do grupo.

Durante a pandemia, a relevância das lajes nas favelas se tornou ainda mais evidente, sendo valorizadas como espaços de respiro e lazer para as famílias da Rocinha e Maré. Se nas décadas de 1980 e 1990 testemunhamos o surgimento do “sonho da casa própria”, atualmente, observamos o crescimento do “sonho da laje própria”.

As lajes proporcionam contato direto com a natureza, permitindo banhos de sol, apreciação da paisagem do morro e sendo utilizadas por

moradores para criar plantas, mini hortas e animais de estimação.

As lajes influenciam a produção artística, como no filme “Noite das Estrelas”, dirigido pelos irmãos Wallace Lino e Paulo Victor Lino, crias da Maré. Na Rocinha, conhecida por ter lajes com paisagens cinematográficas, tornou-se popular entre cantores de rap e funk, além de servir como cenário para ensaios de moda e fotografia.

O domingo, consagrado como o dia nacional de bater laje, se torna o palco único onde amigos e vizinhos se unem em um mutirão.

Sem essa tradição, não há churrasco, chuveirão ou qualquer outra atividade que possa ser realizada. Este ritual semanal não apenas fortalece os laços comunitários, mas também é um testemunho vivo da resiliência e da capacidade de superação das favelas, transformando em espaços vibrantes e cheios de vida.



Fotos: AF Rodrigues

Lá na laje de casa

Por Karen Fontoura

Revivi muitos sentimentos bons que a minha laje me proporcionou e, a conexão familiar que esse ambiente trouxe, quando escrevi esta reportagem. A maior parte da minha infância foi na laje. Lembro-me de tomar banho na caixa d'água escondida, subir em cima dela e pular com um guarda-chuva, imaginando que poderia voar, e dos dias em que eu criava esculturas de gesso, tornando-me um artista com tinta guache.

Na laje da minha casa, há lembranças dos meus primos que já se foram, soltando pipas ou brincando de bola com amigos que visitavam nossa laje. Também recordo de construir uma casa improvisada para a Barbie com tijolos e das tardes passadas com minhas amigas. Além disso, pude reviver as histórias de infância da minha mãe. Ela sempre contava sobre a rede que tínhamos na laje e como eu a transformava em um balanço, brincando com meus tios. A vontade dela de ter uma rede novamente permanece viva até hoje.

E, claro, não posso esquecer dos churrascos em família na laje! Além dos muitos aniversários celebrados lá, inclusive, o meu de 15 anos. A laje é - e sempre será - um lugar precioso para nós: moradores de favela.



Fotos: Arquivo Pessoal

ENCONTRO: JORNALISTA APOSENTADA VOLTA A ATIVA EM 2024

Valdete Lima trabalhou em jornais impressos nos anos 80 e 90; agora será colaboradora do Fala Roça

Por Karen Fontoura

A “entrevista pode ser na redação de vocês?”, pergunta Valdete Lima, de 78 anos, moradora da Via Ápia, na Rocinha. “É bom que eu mato a saudade!”, completa. Com 1,57 de altura e cabelos crespos bem branquinhos, ela subiu os três andares de escada que dão acesso à redação do Fala Roça, para um bate-papo regado a café e lembranças.

Jornalista aposentada, ela não entrava em uma redação de jornal há 15 anos. “Eu tinha muita vontade de fazer jornalismo desde garota morando aqui. Meu interesse pela profissão surgiu a partir dos questionamentos da juventude. Um desses incômodos foi o alto índice de gravidez na adolescência na Rocinha”, revela.

Mãe de duas filhas, Valdete tem uma vida e trajetória profissional inspiradora. Dona de um sorriso encantador, ela trabalhou por décadas como revisora do jornal *O Dia e Maioria Falante*, em uma época de poucas oportunidades para mulheres negras em redações de jornalismo.

Em 2023, segundo pesquisa do Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (Gema), pessoas negras são apenas 9,5% dos jornalistas que assinam textos entre homens e mulheres. O estudo: “Raça, gênero e imprensa: quem escreve nos principais jornais do Brasil?”, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) foi realizado em três redações dos principais jornais do país.

Nascida em 1945, em Salvador, Valdete veio morar na Rocinha ainda bem pequena, aos 9 anos, quando a mãe, Isabel do Carmo Bispo, comprou um dos terrenos loteados do bairro, localidades hoje conhecidas como Via Ápia e Boiadeiro. Filha de doméstica, que a

criou sozinha desde que chegou ao Rio de Janeiro, Valdete estudou na escola pública Henrique Dodsworth e, posteriormente, no Instituto José Bonifácio. Mas, aos 16 anos, decidiu trabalhar para ajudar em casa. Foi quando a mãe pediu para os chefes, à época, proprietários de uma editora, uma vaga para a filha. O primeiro emprego foi o pontapé para ela trabalhar como revisora ortográfica. Assim, o sonho de estudar jornalismo ficou guardado até Valdete ingressar na universidade por exigência do trabalho, aos 35 anos. “Eu sempre quis ser mãe. Eu seria infeliz se não fosse mãe. Eu queria dar a educação que a minha mãe me deu pra elas. Essa é a minha riqueza, o meu legado é o da educação”, afirma.

JORNALISTA DO MOVIMENTO NEGRO

“Vem cá, você é redatora ou revisora?”, perguntou Éle Semog, ativista do movimento negro. “As duas coisas: de dia, redatora, e à noite, revisora”, respondeu Valdete, que tomava um chopp com amigos no restaurante Amarelinho, no Centro do Rio.

“Tudo começou [a atuação dela no jornal do movimento negro] com a dúvida se Bangu tinha acento ou não”.

O batepapo descontraído rendeu um convite para a jornalista colaborar com o jornal *Maioria Falante*, que circulou na cidade entre 1987 e 1996. Na ocasião, Valdete ficou receosa de aceitar a proposta, pois ela trabalhava em outros dois jornais: *O Mundo Português* e *O Dia*. Porém, en-

cantada em escrever sobre questões raciais, ela voltou atrás na decisão e passou a colaborar com o impresso, cujo slogan se orgulhava de se autointitular como um “jornal de pavio curto”, em 1988.

Conhecido por ser o jornal dos negros, nordestinos, indígenas e das mulheres, o *Maioria Falante* surgiu da necessidade de debater a consciência negra e combater o racismo através do jornalismo. “Fizemos matérias maravilhosas. Fiz uma matéria enorme com a Elza Soares”, lembra a jornalista.

No jornal, ela atuou além de redatora como editora, revisora e diretora, tendo oportunidade de viajar para Nova York, para aprender mais sobre o movimento negro americano, em 1994. Na cidade norte-americana, ela estudou tradução na Universidade de Nova York e apoiou a construção da primeira biblioteca de literatura brasileira na cidade americana: a Brazilian Endowment of Arts.

CASO DE AMOR: DE NOVA YORK A ROCINHA

Nos EUA, Valdete conheceu novamente o amor ao lado do brasileiro Paulo Cesar de Melo. “Ele abria a porta do carro, um amor lindo e com costumes que a garotada de hoje em dia não tem”, ressalta. Mas, a saudade bateu e ela decidiu voltar ao Brasil. “Falei assim: ‘olha eu vou me embora porque eu preciso conhecer meus netos. Eu não pensei

em ficar tanto tempo longe da minha família”, explica, ao se recordar do diálogo que teve com o namorado.

Em 2011, após a morte da mãe, Valdete se estabeleceu em Iguabinha, na Região dos Lagos. Até que, no final de 2012, o antigo amor retornou ao Brasil para reencontrá-la.

“A primeira vez que ele visitou a Rocinha, ele se apaixonou pela favela: ‘nega, a gente podia morar aqui’”, conta.

Já em janeiro de 2013, ela retornou para a favela em que cresceu ao lado do amor. Mas, uma semana após a mudança, aos 66 anos, Paulo César, morreu em casa. Foi imersa nesta tristeza que Valdete conheceu a Casa Naná, um ambiente de convivência para pessoas idosas, onde é voluntária.

E agora, ela também voltará a escrever! Desta vez, para o *Fala Roça*. Valdete Lima fará parte da equipe de impresso, em 2024. “Tem muita coisa acontecendo no mundo. Quero voltar a escrever e a sentir o cheiro da impressão de um jornal”, finaliza.



Valdete Lima posa sorridente na sede do Fala Roça. Foto: Karen Fontoura

DOS BECOS AOS MILHÕES DE VIEWS

A cara da nova geração de influenciadores da Rocinha

Por Osvaldo Lopes

Em meio a tempestade de conteúdos das redes sociais, entre publicidades, fotos, vídeos e memes, seis moradores vêm se destacando por mostrar o dia a dia da Rocinha. Crias do morro: Bruna Dias, Salemm, Danrley, Ruan Juliet, VT e Bruno Rock são a cara da nova geração de influenciadores que disputam narrativas sobre a favela na internet, mas através do olhar do morador.

Eles desmitificam o vai e vem do morador pelos becos, lajes, ruas e vielas, alcançando crianças, adolescentes, adultos e até idosos, tanto dentro e fora da favela, contando histórias do território.

Um dos mais conhecidos é o influenciador Ruan Juliet, de 20 anos, morador do Canal do Valão, na parte baixa da favela. “Comecei fazendo vídeos de brincadeira no Instagram ao mesmo tempo que o TikTok estava surgindo no meio da pandemia. Uma garotada foi descobrindo a minha conta e mandando perguntas. Eu estava estudando com a cabeça fervendo, mas comecei a fazer vídeos para esse público mostrando o meu dia a dia na barraca de camelô”, revela Ruan.

Já Bruno Thierry, conhecido como Bruno Rock, morador da Paula Brito, região central do morro, virou influencer quando decidiu falar para um público de fora da favela. Com 34 anos, ele produz conteúdos para quem nunca frequentou a Rocinha. “É curioso como tudo funciona muito rápido. Comecei a circular ainda mais no morrão e mostrar de forma muito humorada os problemas que temos aqui, que não é muito diferente de outras favelas”, opina.

E conclui: “Eu era mais ligado ao esporte e fui migrando para o digital”. Mas, se engana quem pensa que influenciadores de favela só falam sobre favela. Com 19 mil seguidores, Bruna Dias, de 28 anos, cria conteúdo sobre beleza, autoestima e amor próprio, na perspectiva de uma mulher negra moradora da Rocinha no perfil @diasdecacho.

“Nunca imaginei que chegaria a tanto. Tudo começou compartilhando para a minha bolha a minha transição capilar. Hoje, falo da obra na casa nova, dou dica de produtos, mostro alguns momentos do meu dia a dia na favela”, conta a cria da Rua 1.



Grupo de influencers reunidos na laje do VT na Rocinha. Foto: Cadu Paiva

Rolando a tela do celular pelos perfis dos influenciadores, os vizinhos (ou não) dos crias, também podem consumir conteúdos de organização e atividades físicas. Danrley Ferreira, 24 anos, morador da localidade Doutor Mário, parte central do morro, é um dos que compartilha a rotina de estudos com dicas de organização aos treinos no Instagram, após sua passagem pelo BBB19.

Com 1 milhão de seguidores, ele afirma que: “a ideia era inspirar outras pessoas que estejam na mesma situação que eu, querendo aprender cada vez mais e estimular adolescentes que circulam pela favela a praticar exercício”.

Mas, o jovem não quer influenciar apenas as pessoas na internet. Estudante de pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ele quer usar o conhecimento do curso para construção de um projeto social para alfabetizar moradores da Rocinha e outras comunidades.

IMPACTO EM CARREIRAS

Cenário para diversos clipes de artistas nacionais e internacionais, além de séries de streaming, a Rocinha é a casa e o trabalho da CEO da “Favela Content” e fotógrafa Salemm. Ela retrata a favela no audiovisual sem estigmas sociais. “Já trabalhei com vários artistas grandes e outros que estão começando. Cada experiência é diferente”, conta.

A influenciadora movimenta uma rede de apoio para realizar as produções que vão desde fotógrafos a mototáxi, além da locação de lajes para as filmagens. Leonardo Victor, por exemplo, conhecido por todos como VT, tornou-se influenciador após uma produção de Salemm.

“Comecei no meio da pandemia. Um amigo meu produtor subiu na laje, gostou do espaço e surgiu a ideia de gravar um trabalho ali. Logo vi a oportunidade

de conseguir uma grana e ajudar meus pais dentro de casa com isso”, revela VT. Localizada próximo ao Canal do Valão, na parte baixa do morro, a laje se tornou um clássico dos clipes de rap, trapp e funk devido a visão de 360° da Rocinha.

A laje também serviu de cenário para o encontro dos seis influenciadores do morro promovido pelo jornal. Para Danrley Ferreira, um encontro que celebra a união e novas conquistas.

“Acho que é a primeira vez que vejo todos os criadores de conteúdo da Rocinha reunidos assim. Isso é ótimo”, celebra Danrley

EMPREENDEDORISMO DE FAVELA

Nem sempre o início de carreira foi fácil para os influenciadores, até hoje as redes sociais complementam as suas rendas e sustentos familiares. Mas todos buscaram métodos únicos de abordagem com o público, com patrocinadores e publicidades. “Cara, esse encontro aqui já está me dando ideia de vários vídeos, sem falar na experiência que vocês do Fala Roça tem. É muito maneiro ver todo mundo juntinho assim, eu mesmo só conhecia alguns pela internet, até porque o morro é gigante, mas daqui pode surgir vários conteúdos colaborativos que vão ajudar os moradores e até mesmo alguns setores da mídia para desmistificar toda a visão pejorativa que ainda existe sobre a favela.”

ESTUDO IDENTIFICA 150 INICIATIVAS CULTURAIS NA ROCINHA

Mapeamento produzido por moradores busca gerar visibilidade para as organizações locais

Por Jaqueline Suarez, site Projeto #Colabora

Criado há quase 30 anos, o Pré-vestibular Comunitário da Rocinha (PVCR) é um dos projetos educacionais mais antigos da comunidade, cuja missão é apoiar o ingresso de moradores de favelas no ensino superior. Todo o trabalho é realizado por voluntários e mantido apenas por meio de doações. O PVCR é uma das 150 iniciativas identificadas no Mapa Cultural da Rocinha, um levantamento feito pelo Fala Roça. A categoria Educação, na qual o Pré-vestibular foi cadastrado, é a mais popular, com pouco mais de 40 projetos.

A localização de todas as 150 iniciativas foi marcada em um mapa digital que traz o endereço, o nome e uma breve descrição do projeto. Para sistematizar os registros, foram criadas 25 categorias. Com isso, é possível realizar buscas por filtros específicos e identificar em qual parte da Rocinha há oferta de dança, esporte, música ou teatro, por exemplo.

Lançado em 2023, o Mapa Cultural está em sua 2ª edição. A primeira, realizada entre 2015 e 2016, foi conduzida por uma única pessoa, o jornalista Michel Silva, cofundador do Fala Roça.

“Todo mundo se pergunta como ele fez isso. Por duas semanas ele percorreu a favela sozinho, mapeando de porta em porta”, explica Osvaldo Lopes. Nascido e criado no Morro, ele passou a integrar a equipe do jornal em 2021, e fez parte do grupo dedicado à construção do Mapa Cultural.

Na 1ª edição, cerca de 100 projetos foram identificados. O levantamento ocorreu no período pré-olímpico, quando o Rio se preparava para receber os jogos e muitos turistas. Uma das estratégias políticas para incentivar o turismo, à época, foi solicitar ao Google a remoção do termo “favela” de seus mapas. Assim, algumas comunidades passaram a ser identificadas como “morros”, enquanto outras foram completamente apagadas.

“Quando você remove esses termos, você invisibiliza esses territórios”, ressalta Osvaldo. Além do impacto simbólico, isso também gera prejuízos práticos aos moradores, seja no acesso a serviços por aplicativos, seja na visibilidade de seus negócios. “Quando a gente se coloca no mapa, a gente se coloca em evidência. Sinalizamos que

estamos aqui e que também sabemos produzir conhecimento”, avalia Fernando Gomes, responsável pelo geoprocessamento dos dados coletados.

Integrante do trio que realizou a coleta das informações em campo, Adrielly Ramos diz ter visitado lugares da Rocinha, pela primeira vez, por conta do mapeamento. “Eu queria muito participar para conhecer mais sobre a Rocinha e saber mais sobre as atividades que acontecem aqui”, explica. Moradora da parte mais alta, ela conta ter se surpreendido ao perceber a quantidade e variedade de atividades oferecidas. Muitas, realizadas gratuitamente.

Atual coordenador da ONG SBR, que existe há 24 anos, Leony também é o idealizador do Movimento Patina Rocinha, que visa arrecadar materiais de patinação para crianças e jovens da comunidade. Ambas as iniciativas, centradas na prática de esportes radicais, foram registradas no Mapa. A categoria de Esporte é a terceira mais popular no levantamento, atrás apenas de Educação (43) e Centros Comunitários (27). Foram identificadas 23 iniciativas esportivas na Rocinha.

A experiência vivenciada na coleta das informações produziu informações relevantes. Dentre elas, a descoberta de que a maior parte dos projetos mapeados são geridos por mulheres, ainda que elas não figurem como as representantes legais.

Quando os pesquisadores pediam para falar com o representante da iniciativa, muitas vezes eram direcionados a conversar com homens, mas aí, logo nas primeiras questões do formulário, eles indicavam a esposa, a mãe, a psicóloga, a professora... Uma mulher para responder. “Quando a gente perguntava sobre funcionamento, em que ano foi fundado, quantas crianças atende, eles falavam, ‘isso aí, pergunta para a minha mulher’. No dia a dia, na prática, são elas que tomam conta”, explica Osvaldo.

Publicado em janeiro deste ano, o Mapa Cultural da Rocinha é, na visão da equipe, um projeto em permanente construção. Ainda é possível cadastrar novas iniciativas. Para isso, basta preencher um formulário disponível no site e, após avaliação da equipe, o projeto será incluído no mapeamento.

